

Convivência, alteridade e identificações: brasileiros e bolivianos nos bairros centrais de São Paulo

Dominique Vidal

Aparentemente, as relações entre brasileiros e imigrantes bolivianos no Brás, Pari, Bom Retiro e Mooca se caracterizam por um certo grau de fluidez e convivência. Para os nacionais destes bairros, salvo algumas exceções, a imagem dos bolivianos é de “um povo tranquilo, trabalhador, lutador pela vida”, “pessoas que não se metem na vida dos outros”, mas também os veem como “escravos” ou “escravizados”.

Os bolivianos, por sua vez, costumam dizer que o Brasil é um “país acolhedor”, nas entrevistas, foram ditas coisas como “O Brasil é um país desenvolvido, A Bolívia não é um país desenvolvido por enquanto. Aqui tem muitas riquezas. É muito bom de se morar em São Paulo. Eu gosto do posto de saúde, a gente não paga nada. Na Bolívia não há nada igual...”

Bolivianos e brasileiros, contudo, não mantêm relações idílicas: brasileiros fazem piadas dos bolivianos bêbados nos fins de semana – cenas comuns nas ruas do Brás e da Mooca nas noites de sábado. Alguns bolivianos mencionaram os comentários desagradáveis que ouviram quando o Governo de Evo Morales decretou a nacionalização do gás natural boliviano que atingiu a empresa estatal Petrobrás.

“É comum que crianças bolivianas recém-chegadas em São Paulo enfrentam comportamentos preconceituosos nas escolas pelo fato de não saber falar português sem sotaque, sendo elas às vezes desprezadas enquanto ‘índios’. Sem embargo, muitos bolivianos entrevistados dizem que isso é ‘coisa de criança’ e não veem nesses comportamentos infantis o reflexo de uma atitude sistematizada dos brasileiros para com os bolivianos. Um tipo de preconceito ligado à diferença cultural também já foi identificado por parte de agentes de saúde que não entendiam certas práticas sociais dos migrantes bolivianos, notadamente em termos de notas de higiene (p. 95)”. Nota-se também, por parte de alguns bolivianos, a impressão de que o povo brasileiro se sente superior a ele.

“Os migrantes provenientes da região altiplânica - e, particularmente da cidade de El Alto, próxima de La Paz - afirmam não encontrar em São Paulo o desprezo que, na Bolívia, os ‘blancos’ ou ‘os que são descendentes de espanhóis’ têm pelos ‘mestiços’ e os ‘indígenas’. Também não enfrentam no Brasil nada igual à hostilidade dos ‘cambas’, nome dos moradores da região de Santa Cruz de la Sierra que não têm traços índios e reivindicam uma ascendência europeia, em relação aos ‘collas’, categoria que remete aos povos do altiplano.” (p. 96).

Os migrantes bolivianos não deixam de ser vistos como formando um grupo à parte definidos por três características principais: ser uma população de ‘índios’, ter ‘outra cultura’ e trabalhar ‘como escravos’.

Dois fatores entram em jogo para caracterizar os bolivianos como índios: Em primeiro lugar, são identificados a partir dos fenótipos tidos como específicos, “cabelos lisos pretos, pele cafuzada, maçãs do rosto salientes e olhos puxados” (p. 98). Em segundo lugar, vem o tipo de roupa, a postura corporal fechada, as calças, saias e sapatos comprados na Bolívia e os cortes de cabelo diferente.

A questão da “cultura boliviana”: “Essa cultura é vista como uma característica altamente positiva, na medida em que ela ainda não foi alterada pelos impactos da modernidade capitalista. Ela seria o reflexo dos modos de vida que existiam antes da colonização, antes que as comunidades indígenas tivessem sido afetadas pela mudança social. A cada ano, as festas que celebram a independência da Bolívia e a Virgem de Urkupiña corroboram essa representação. Essas festas, realizadas no Memorial da América Latina no início do mês de agosto, são promovidas por fraternidades e grupos folclóricos várias regiões e populações da Bolívia.” (p. 99).

As condições de trabalho dos bolivianos no setor da confecção através da metáfora da escravidão: “Ela se baseia no fato de muitos migrantes bolivianos indocumentados vivem em oficinas de costura e trabalham até dezessete horas por dia, seis dias por semana. Ela também se enraíza na convicção de que existe um tráfico de pessoas da Bolívia para o Brasil a fim de abastecer o setor das confecções em mão-de-obra. No entanto, a pesquisa de campo mostrou que, por difíceis que sejam, as condições de trabalho nas oficinas de costura não se assemelhavam de forma alguma às formas de trabalho forçado que caracterizam o que historicamente foi a escravidão(...) Também é difícil comparar a existência de redes migratórias e intermediários entre as

oficinas paulistas e a Bolívia como uma forma de tráfico de pessoas. Se situações de dominação existem, sem dúvida nenhuma, as possibilidades de fuga são tão importantes e fáceis em São Paulo que os donos da oficina não têm como organizar um cativeiro.” (p. 100).

O fato dos brasileiros dos bairros centrais perceberem os migrantes bolivianos do setor das confecções como “escravos” traça uma fronteira entre duas categorias de indivíduos a partir da transformação radical que representou a emergência do direito do trabalho.

Como brasileiros e bolivianos convivem sem muitas complicações nos bairros centrais de São Paulo? Os costureiros bolivianos não competem com os brasileiros no mercado de trabalho. Eles se concentram principalmente em pequenas fábricas e oficinas de costura, e não se encontram na construção civil e no emprego doméstico, como é o caso na Argentina.

O comportamento dos bolivianos “se encaixam no padrão de comportamento que os brasileiros esperam dos vizinhos nos espaços povoados por populações de baixa renda e classe média baixa.” (p. 103). Eles são “discretos”, “gente boa”, “trabalhadores” e, principalmente, “mantém o respeito”, ou seja, um conjunto de atitudes centrais na avaliação de muitas interações na vida cotidiana.

“É fundamental levar em conta que os bairros centrais em que bolivianos moram são bairros de imigração há mais de cem anos. Por possível que seja distinguir entre ‘nacionais’ e ‘estrangeiros’, muitos moradores dos bairros centrais têm uma etnicidade diferente da etnicidade dos paulistanos que se dizem de descendência europeia. Além dos migrantes hispano-americanos, são os brasileiros de origem coreano e siro-libanesa, os nordestinos e os chineses recém-chegados.” (p. 104).

Daniel Edgardo